

A POESIA DE MANOEL DE BARROS EM DIÁLOGO COM A CIÊNCIA E COM O SABER AMBIENTAL

Camila de Freitas Vieira¹

Glaucia Lima Vasconcelos²

Mônica Cristine Junqueira Filho³

Patrícia Helena Mirandola Garcia⁴

Resumo: O presente trabalho propõe-se a evidenciar a possibilidade de diálogo entre a Poesia, a Ciência e a Educação Ambiental. Para isso, foram analisadas três obras de Manoel de Barros: "Poemas concebidos sem pecado" (1937), "Compêndio para uso dos pássaros" (1960) e "A turma" (2013). A análise teve como foco a construção de uma proposta dialógica entre o saber ambiental e a ciência, à luz da perspectiva filosófica do desenvolvimento da ciência segundo Hugh Lacey (2013) e da sociologia do saber ambiental a partir dos estudos de Leff (2015). Os três referenciais apontam a transgressão do paradigma positivista de apreensão da natureza. Observa-se nos três teóricos da natureza uma necessidade urgente de superação dos entraves criados pelo homem, sobretudo em consequência da valorização da racionalidade científica e econômica. A complexidade do saber ambiental é evidenciada, mesmo que de forma despretensiosa, como se observa na poesia de Manoel de Barros.

Palavras-chave: Saber Ambiental; Manoel de Barros; Dialogicidade.

Abstract: This work proposes to highlight the possibility of a dialogue between Poetry, Science and Environmental Education. For this, three works of Manoel de Barros were analyzed: "Poems conceived without sin" (1937), "Compendium for the use of birds" (1960) and "The class" (2013). The analysis focused on the construction of a dialogical proposal between environmental knowledge and science, in light of the philosophical perspective of the development of science according to Hugh Lacey (2013) and the sociology of environmental knowledge from the studies of Leff (2015). The three references point to the transgression of the positivist paradigm of apprehension of nature. It is observed in the three theorists of nature an urgent need to overcome the barriers created by man, especially as a result of the valorization of scientific and economic rationality. The complexity of environmental knowledge is evidenced, even if unpretentiously, as seen in the poetry of Manoel de Barros.

Keywords: Environmental Awareness; Manoel de Barros; Dialogicity

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: camilabfreitasv@gmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: glauciavasc19@gmail.com.

³ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: monicafilheiro68@gmail.com.

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: patricia.garcia@ufms.br.

Introdução

O avanço da ciência moderna e o desenvolvimento de suas estratégias de construção de conhecimento modificaram a forma como concebemos o mundo, em especial, os seres humanos e o meio ambiente. Refletindo sobre a forma de enxergar o humano e as suas relações com ambiente, trazemos para este trabalho a poética de Manoel de Barros, que se configura como o poeta dos (des)encontros, do (des)apreender, do (des)construir das coisas... Utilizando as palavras que o autor usa para compor seus silêncios, tentamos refazer um exercício de romper com a representação do mundo real, cujo vocabulário atribui sentidos não habituais e cuja linguagem, sensível às coisas naturais, apresenta uma possibilidade de discussão e de reflexão.

A partir desse olhar (des)contruído, (des)nudo do mundo real, pretendíamos identificar a possibilidade de construir um diálogo entre poesia, ciência e saber ambiental. Para isso, adotamos um posicionamento crítico, preocupado com o desenvolvimento de uma sociedade ambiental, por meio da equidade e da justiça social, tendo como pressupostos a perspectiva da pesquisa agroecológica discutida por Lacey (2010) e a complexidade do saber ambiental apresentada por Leff (2015).

A escolha pela poética de Manoel de Barros para compor esse exercício de dialogicidade se deu pelo fato de o referido poeta retratar a vida simples em interação com a natureza, atribuindo o mesmo grau de importância entre os humanos e os demais seres que estão ao seu redor. São os caramujos, as lesmas, os sapos, as formigas, os pássaros, as lagartixas, esses seres e coisas costumeiramente ignoradas pelos homens e pela ciência, que o escritor faz questão de valorizar em sua construção poética. É a partir desse olhar desinteressado “para o outro” que sua obra possibilita o diálogo com o saber ambiental, sob um viés crítico, capaz de potencializar o exercício da cidadania, permitindo absorver reflexões de enfrentamento, transformação da sua realidade e da sua relação com a natureza e, conseqüentemente, contribuindo para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável.

Considerando a possibilidade de encontrar pontos convergentes entre a poética cientificamente despretensiosa de Manoel de Barros, a argumentação de Lacey (2010) a respeito da interação entre valores e atividade científica e, por fim, as complexas relações presentes na construção dos conceitos ambientais sob a ótica do sociólogo ambientalista Enrique Leff (2015), mergulhamos na leitura dos três autores interessados na natureza, cujos gêneros discursivos e atividades divergentes nos apresentariam diferentes lentes para enxergar o mesmo objeto. Caracterizamos desta forma o problema desta pesquisa: investigar as concepções de conhecimento relacionado à Educação Ambiental, tendo como ferramentas o olhar da poética literária, da epistemologia da ciência e da sociologia ambiental.

Partimos do pressuposto que as questões ambientais ainda são trabalhadas sob concepções conservadoras, pautadas sob a perspectiva das pesquisas materialistas, em que não se permitem o processo de discussão e

reflexão sobre as questões sociais e éticas que envolvem o objeto de estudo, bem como a prática científica abordada. Parafraseando Lacey (2010), acreditamos que *“a pesquisa científica moderna tem sido conduzida quase que exclusivamente segundo um tipo particular de estratégia – na terminologia que adota, as estratégias materialistas”* (LACEY, 2010, p. 10).

A ciência adota, pois, um paradigma postulado, oriundo de filiações conceituais. A atividade científica é, assim, produzida a partir de um método único, aplicado exclusivamente pela comunidade científica. Nele, toma-se o objeto cognoscível como algo estático, passível de ser conhecido a partir da utilização de um método racional e empírico. Dessa forma, o meio ambiente pode ser descrito e explicado, quase que matematicamente, pela razão humana, não podendo haver “contaminação” pelos sentimentos ou valores, visto que a ciência deve estar inteiramente livre de subjetividade.

Tomando por base este paradigma da ciência moderna, a natureza apresenta-se como objeto a ser explorado pelas ciências naturais, *“instituída como objeto passivo de conhecimento pelo sujeito, soberano, condutor deste processo”* (CARVALHO, 2012, p. 116). A forma de conhecer, em nome da neutralidade e do rigor científico, examina a natureza como fenômeno físico, regido por leis naturais, onde as interações físicas podem ser conhecidas pela observação do pesquisador. Há, pois, uma negação da relação entre o ambiente e a interferência humana, chegando a uma completa cisão entre natureza e cultura.

Sobre a negação dos valores morais, tal como exemplificada no excerto anterior, Lacey argumenta que as estratégias materialistas são descontextualizadas, uma vez que não se preocupam com questões sociais, com os impactos que poderão causar no meio ambiente. Contrapondo esta visão, o autor discute o potencial das pesquisas agroecológicas, cujo pensamento coaduna com a perspectiva da Educação Ambiental sob o viés crítico e permite o comprometimento com o saber ambiental, dissociado dos interesses econômicos, segundo os quais as estratégias materialistas se direcionam.

A preocupação com a apropriação dos conceitos ligados ao saber ambiental, auxiliada pelo desenvolvimento científico e tecnológico não reflexivo, impulsionada pela expansão do capitalismo, também é discutida por Enrique Leff (2015), um dos maiores teóricos latino-americanos que trabalha a temática ambiental sob a ótica da complexidade. Seus trabalhos denunciam os malefícios da teoria desenvolvimentista para o meio ambiente, que carrega o paradoxo de contribuir com a degradação ambiental e social, quando nega as questões histórico-culturais ou socioeconômicas na construção e divulgação destes conhecimentos.

Leff aposta na complexidade ambiental, denuncia a crise do modelo teórico ambiental, fruto da “irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo” (2015, p. 16) e discute o movimento ocorrido a partir da década de 60, em que se inicia *“o debate teórico e político para valorizar a*

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

natureza e internalizar as externalidades socioambientais” (2015, p. 16). Ao resgatar os pressupostos da crise ambiental no contexto da globalização, o autor elucida o movimento de produção e apropriação de conceitos relacionados às questões ambientais, chamando a atenção para os valores, ora sociais e ora econômicos, que subsidiam as estratégias, indo ao encontro das ideias de Lacey.

Com as lentes deste arcabouço teórico, procuramos desvendar o dito e não dito nos poemas de Manoel de Barros, tentando compreender um quê de rebeldia, presente na decisão de jamais enxergar e descrever o ambiente natural sob a ótica do paradigma dominante naqueles anos em que apresentava ao mundo os seus textos. O que nos revelaria do saber ambiental o poeta das coisas inúteis, que rejeita as “palavras fatigadas de informar” e ressalta as “que vivem de barriga no chão”? (BARROS, 2018, p.25).

Metodologia

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, em que buscamos a dialogicidade entre os referenciais de Lacey (2010), que abordam uma nova concepção de ciência baseada nos valores sociais e dissociada do interesse mercadológico e econômico, e Leff (2015), sobre a relevância da investigação sociológica na apropriação e divulgação dos saberes desta área. A partir dos argumentos destes dois referenciais, analisamos três obras de Manoel de Barros, buscando identificar a possibilidade de construção de um diálogo entre poesia, ciência e saber ambiental.

À luz dos pressupostos teóricos dos autores já mencionados, nos debruçamos sobre a leitura dos poemas de Manoel de Barros. Para vislumbrar a desejada dialogicidade foi preciso, durante a leitura, realizarmos o exercício de desconstrução do paradigma tradicional da ciência e da literatura e, com isso, mergulhar no mundo do poeta. Escolhemos obras relevantes da trajetória literária do poeta: Poemas concebidos sem pecado (1937), sua primeira publicação, Compêndio para uso dos pássaros (1960), obra em que o autor revela definitivamente o seu estilo, e o poema A Turma (2013), último texto escrito pelo poeta, antes de sua morte em 13 de novembro de 2014. Neste poema, de caráter autobiográfico, Manoel relembra amigos de infância em meio à natureza do Pantanal, onde viveu. A partir da análise de poemas que compõem os trabalhos em questão, buscamos identificar o diálogo entre a escrita poética de Manoel com a ciência e o saber ambiental, a partir de seu olhar crítico frente às concepções de meio ambiente.

O poeta das insignificâncias

Manoel de Barros, poeta mato-grossense, ingressou na literatura brasileira em meados da década de 1930, quando estreou com Poemas concebidos sem pecado (1937). Já nessa primeira obra, de caráter autobiográfico, inaugura a temática homem e natureza, na sua mais pura

interação. O poeta publicou dezenas de obras, dentre elas, livros voltados para público infanto-juvenil.

Apesar de ter nascido em uma região pantaneira, Barros não se caracteriza como um poeta regionalista que simplesmente descreve o Pantanal. Passou a infância estudando em colégios internos, entre a cidade do Rio de Janeiro e Cuiabá, ambientes onde teve contato com textos poéticos que influenciariam seus trabalhos, conforme descrito por Silvério.

Em entrevista a André Luís Barros, MB afirma que foi no colégio interno que ele teve, ao mesmo tempo, uma educação católica e os primeiros contatos com textos poéticos. A respeito desse contato lhe deram, nesse colégio, textos de Padre Antônio Vieira para que ele lesse e, desse modo, impressionou-se com os ritmos das frases, definindo-se então como um frasista (SILVÉRIO, 2006, p. 38).

Fatigado e decepcionado com a política, Manoel de Barros resolveu regressar ao Pantanal, onde passou a viver na fazenda herdada de seu pai, local em que pôde entregar-se à escrita. Recluso, passava o dia todo em seu escritório a fazer sua poesia das coisas inúteis.

A poesia de Manoel de Barros destaca-se por dialogar com a natureza de uma forma muito peculiar, ele não só a retratou, mas a enalteceu; ele não só aprendeu com ela, mas a reverenciou como uma fonte absoluta de sabedoria: “*É no ínfimo que eu vejo a exuberância*” (BARROS, 2010), cuja grandeza está nas coisas pequenas.

O poeta não falava apenas de paisagem, da natureza, de meio ambiente. Ele conseguiu inventar uma linguagem própria, ao mostrar que é possível poetizar a partir de elementos da natureza, das figuras de linguagens (as plantas, as águas, os bichos), dos seres insignificantes, pautado na existência das coisas ínfimas. Conseguia, a partir de uma sensibilidade poética, olhar para as coisas desimportantes e para as insignificâncias, as quais constituíram-se matéria-prima de sua obra. A partir dela reinventava o olhar sobre o mundo, despertando no leitor a mesma visão para aquilo que geralmente não é considerado relevante. É na inutilidade das coisas que o poeta transforma e nos leva ao encantamento:

Os primórdios em Manoel têm qualidades humanas (Bernardo da Mata, Bola Sete, Maria Pelego Preto), orgânicas (lesmas, garça, formiga) e inorgânicas (pedra, morro, montanha). A passagem em sua inteireza só se efetiva de fato quando a imaginação criadora produz as simbioses criativas necessárias ao reencantamento do mundo (MARINHO, 2017, p. 18-19).

Os elementos orgânicos e inorgânicos citados por Marinho estão intrinsecamente ligados ao homem, às suas relações do cotidiano, ou seja, não são apresentados de formas isoladas, são narrados com a mesma simbiose imaginativa acometida pelo poeta. Assim, homem é também natureza, natureza é também humana.

Manoel de Barros, por meio do exercício do fazer poesia, da irreverência com que usa as palavras, da forma com que as confunde em um emaranhado de expressões simples e complexas, no mesmo contexto, recria significados e chega a inventar expressões próprias: galhos empassarados, lobinhando, pios enramados... Com isso, compõe, recompõe também sua realidade de acordo com sua sensibilidade poética, bem como a forma de perceber as coisas, em uma busca pela essência dos seres e das coisas.

Garcia (2006) comenta que Manoel de Barros, a partir de sua sensibilidade poética, consegue falar da existência humana, das ideias, dos elementos desvalorizados da natureza (lesmas, besouros, sapos, formigas) que permeiam seu quintal:

Uma das formas como o poeta busca alcançar, pelo exercício da poesia, o ser humano em sua essência é a busca pelo estado primordial anterior à maldade, onde homens e animais comungavam com a vida que os animava e se valiam da linguagem e pensamento com orientação mais mítica, caracterizados, sobretudo, pelo uso metafórico de compreensão e expressão do mundo (GARCIA, 2006, p. 16).

Com isso, traz à tona o que era despercebido pela maioria das pessoas, atribuindo valor ao que antes não se via. A valoração das coisas pequenas, com as quais o homem interage, revela a profunda preocupação com a natureza e o desejo de confundir-se com ela.

O filósofo da ciência

Provocados pelas recorrentes afirmações de apego às inutilidades, coisas pequenas, partimos à busca dos elementos que são assim classificados na obra de Manoel de Barros. Ao trazer os elementos naturais que, supostamente, não possuem valor econômico ou social, o poeta parece reconhecer a necessidade de perpetuação das interações naturais, do movimento dos seres na natureza, em total simbiose. Este fato, parece aproximá-lo do pensamento de Lacey que nos aponta a necessidade de lançar o olhar para os elementos da natureza e para os aspectos sociais que não se mostram “fecundos” para a pesquisa.

Ao discutir os valores da atividade científica, o autor faz uma crítica ao modelo da ciência moderna, no que diz respeito à adoção da estratégia materialista e à falsa ideia de neutralidade e autonomia da ciência. A atividade científica é quase sempre regida pelo interesse por inovações tecnológicas, ou

interesse do capital que a financia, adotando unicamente os valores cognitivos e estratégias materialistas.

Para facilitar sua análise, Lacey atenta para os diferentes momentos da atividade científica (2010, p.105), dentre eles, o momento da escolha da estratégia, o momento da realização da pesquisa e o momento de sua avaliação/validação. Segundo o modelo da ciência moderna (positivista), nesses três momentos adota-se uma estratégia única, que o autor chama de estratégia materialista e caracteriza como descontextualizada, visto que não considera o contexto social, cultural ou ambiental. Por este motivo, tal estratégia apresenta-se limitada, no sentido de que não consegue trazer resposta a problemas sociais já existentes ou para os problemas ambientais gerados pela aplicação de suas descobertas. É o caso da biotecnologia (2010, p.85), cujas pesquisas atendem ao interesse de produção de alimentos em larga escala, onde as sementes perdem seu valor natural e ganham o *status* de fecundidade, pois possibilitam o desenvolvimento de inovações tecnológicas, como os transgênicos, visando exclusivamente o aumento da produção.

A sua crítica repousa sobre as questões culturais, sociais e ambientais, quando traz à tona a falta de investimentos em estudos sobre os riscos de sua aplicação e quando questiona o fato de a produção advinda dessa atividade científica não estar voltada ao interesse primeiro de matar a fome da população local. Dessa forma, apenas os valores cognitivos determinam a decisão pela pesquisa, a estratégia adotada e a avaliação da teoria gerada, assumindo, portanto, o controle em todos os momentos da atividade científica, em detrimento dos valores morais.

[...] o exercício do controle não é subordinado, em geral e sistematicamente, a outros valores sociais. Ao contrário, os valores que podem manifestar-se nos arranjos sociais são, em grau considerável, subordinados ao valor da implementação de novos desenvolvimentos tecnológicos. Tais desenvolvimentos tendem a gozar de legitimidade em princípio, de modo que um tanto de ruptura do tecido social e ambiental pode ser tolerado para possibilitar sua implementação (LACEY, 2010, p. 27).

A ciência não está, pois, livre de valores e não é autônoma, uma vez que a escolha da estratégia metodológica é direcionada por valores, na maioria das vezes cognitivos, e por interesses das instituições financiadoras. Os argumentos de Lacey reforçam a crítica à negação dos valores sociais (ambientais e culturais) na pesquisa científica contemporânea, quando insiste na ideia de que não há ciência pura, desinteressada.

Como exemplo da possibilidade de estratégias alternativas, o autor cita as pesquisas agroecológicas, cujas motivações, ao contrário, podem ser compreendidas pelos valores sociais e ambientais. Neste caso, as pesquisas estariam voltadas à solução de problemas observados no seio dos movimentos

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

populares ou no contexto das pequenas produções agrícolas. Os valores defendidos determinam o quê, para quê e como pesquisar. Isso não impede, contudo, que estas mesmas pesquisas sejam avaliadas segundo os valores cognitivos. Esta última condição é necessária para dar validade à pesquisa e contribui para a aceitação da teoria e para a superação da visão menosprezada deste tipo de pesquisa, geralmente vista como discursos ideológicos vazios, como denuncia o autor.

Mesmo reconhecendo que a ciência se manifesta segundo valores cognitivos, pois as teorias são validadas segundo estes valores, Lacey chama a atenção para o fato de que “uma teoria pode ser avaliada por seu valor social tanto quanto por seu valor cognitivo” (LACEY, 2010, p. 18). Esta avaliação está relacionada à aplicação da teoria: se o conhecimento gerado pode ser aplicado a serviço do bem-estar da população; se os efeitos são nocivos ou benéficos; se pode-se considerar socialmente aceito e ético o que se faz com o resultado de tais pesquisas. Um outro ponto bastante relevante nos estudos de Lacey refere-se aos objetivos da atividade científica:

- (i) Obter teorias que expressem entendimento empiricamente fundamentado e bem confirmado a respeito dos fenômenos, (ii) tendo em vista suas aplicações práticas (quando apropriado), (iii) de modo que as teorias obtidas sejam aceitas para domínio de fenômenos cada vez maiores, (iv) e que nenhum fenômeno significativo na experiência humana ou na prática da vida social fique, em princípio, fora do alcance das investigações científicas (LACEY, 2010, p. 17).

Uma análise da forma como expõe os objetivos, nos leva a perceber mais uma vez o quanto o filósofo valoriza a estratégia metodológica, escolhida segundo as aplicações desejadas para a pesquisa, visando o conhecimento dos fenômenos. Observamos ainda a relevância que dá à ideia de que tudo pode ser objeto de pesquisa: todo fenômeno da atividade humana, ou a prática da vida social. Daí percebemos a sua predileção pelas questões sociais, em lugar das pesquisas descontextualizadas que costumam possuir um certo *status*, mas não apresentam soluções para as questões sociais, históricas ou ambientais.

Neste sentido, percebemos semelhança entre Lacey e Manoel de Barros: ambos reconhecem o valor das coisas aparentemente irrelevantes, são influenciados por uma ideologia social, demonstram preferência pelo simples e essencial, em detrimento do que é considerado produtivo, importante para os padrões estabelecidos pela ciência e pela cultura dominante.

Enquanto Lacey debruça-se sobre as questões da agroecologia, Barros escreve sobre o homem simples e seu contato com a natureza. Enquanto Lacey ressalta a necessidade de estudos das pequenas produções agrícolas para matar a fome de comunidades rurais esquecidas, Manoel exalta os animais pequenos, quase nunca lembrados nas manifestações artísticas.

Ambos revelam a grandeza do insignificante, atribuem valores pela essência, na contramão da modernidade. Enquanto o mundo olha para a amplitude da globalização, Barros e Lacey convidam a olhar para baixo, para o contexto local, atribuindo-lhe o valor que está na essência e emana das interações entre os seres.

O sociólogo ambientalista

Para Leff (2015), o ambiente é reconhecido pelo seu potencial integrador. Adotando uma linguagem diversa, o autor segue o mesmo viés de Barros, quando busca essa reintegração dos valores da natureza. Assim, faz uma crítica às percepções ambientais, que tentam preencher o vazio deixado pelo desenvolvimento da racionalidade científica, e discute a apropriação dos conceitos relacionados ao ambiente.

Ao resgatar os pressupostos da crise ambiental no contexto da globalização, o autor elucida o movimento de produção e apropriação de conceitos relacionados às questões ambientais, chamando a atenção para os valores, ora sociais e ora econômicos, que subsidiam as estratégias, o que vai ao encontro das ideias de Lacey. Desta forma, apresenta a utilização de conceitos relativos ao saber ambiental: o primeiro deles, ecodesenvolvimento, ligado a novos paradigmas da economia ecológica, surgia como alternativa à crise ambiental e tentava integrar, por meio de uma abordagem crítica, as dimensões social, econômica e ecológica. O potencial reintegrador é assim esclarecido pelo autor:

Na percepção desta crise ecológica foi sendo configurado um conceito de ambiente como uma nova visão do desenvolvimento humano, que reintegra os valores e potencialidades da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo negados pela racionalidade mecanicista, simplificadora, unidimensional e fragmentadora que conduziu o processo de modernização (LEFF, 2015, p. 17).

No entanto, o conceito também problematiza os modos de produção e o modelo econômico vigente e denuncia suas contradições ideológicas contidas na ideia de apropriação dos recursos naturais. Há um confronto com as barreiras do desenvolvimento e da acumulação interna do capital. No final da década de 1980, no relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, encarregada de avaliar os avanços da degradação ambiental, é apresentado o conceito de desenvolvimento sustentável, definindo uma forma de desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. O novo termo vinha ao encontro da necessidade de “ecologizar” a economia, buscando adequar-se às estratégias de produção vigentes, como afirma o autor:

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

Começa então a cair em desuso o discurso do ecodesenvolvimento, suplantado pelo discurso do “desenvolvimento sustentável”. Embora muitos dos representantes de ambos os discursos concordassem, as estratégias de poder da ordem econômica dominante foram transformando o discurso ambiental crítico, submetendo-o aos ditames da globalização econômica (LEFF, 2015, p. 18).

Sob a égide da ordem econômica, observa-se uma limitação para tratar das questões ambientais. O saber em voga não representa um saber capaz de propor soluções para os problemas relativos ao meio ambiente ou para a efetivação da Educação Ambiental. Na visão de Leff:

Se as ecosofias, a ecologia social e o ecodesenvolvimento tentaram dar novas bases morais e produtivas a um desenvolvimento alternativo, o discurso do neoliberalismo ambiental opera como uma estratégia fatal que gera a inércia cega, uma precipitação para a catástrofe” (LEFF, 2015, p. 23).

A negação das questões sociais e culturais traduz uma visão simplista e reduzida, que nega as contradições embutidas do conceito de desenvolvimento sustentável utilizado como estratégia discursiva a serviço do capital. Esta estratégia dominante também parece ser negada por Barros, enquanto valoriza os rejeitos da civilização moderna: “*Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia*” (BARROS, 2013, p. 136).

Por outro lado, o processo de consolidação do saber ambiental proposto por Leff traz novas perspectivas pela ascensão de valores sociais, éticos e educativos, propondo a racionalidade ambiental, articulando teorias, significados, métodos e valores, funcionando “*como conceito heurístico, que orienta e promove a praxeologia do ambientalismo e que ao mesmo tempo permite analisar a eficácia dos processos e das ações ambientalistas*” (LEFF, 2015, p. 135).

As estratégias conceituais para gerar os instrumentos teóricos e práticos, para a gestão ambiental do desenvolvimento sob condições de sustentabilidade e equidade, não podem surgir dos paradigmas econômicos dominantes e das práticas tradicionais do planejamento:

[...] depreende-se a necessidade de estabelecer princípios epistemológicos e metodológicos para poder diferenciar e articular os conhecimentos científicos e técnicos em três níveis de integração – diacrônico, sincrônico e prospectivo –, referentes a suas funções de explicação histórica das relações entre natureza e sociedade, de diagnóstico das condições presentes das formas de exploração dos recursos e de planejamento do manejo integrado e sustentável a longo prazo (LEFF, 2002, p. 62).

A questão ambiental é historicamente complexa e necessita da aproximação intrínseca entre a produção do conhecimento e as práticas sociais, o que nos leva a um saber sociológico ambiental, indo ao encontro das ideias expressas na obra de Manoel de Barros, quando rejeita a ideia de que a importância das coisas está na sua produtividade econômica.

Para Leff (2002), o saber ambiental transforma o conhecimento em uma nova ótica ambiental a partir da uma construção de uma racionalidade social. Pela influência da sociedade, alterando o paradigma da ciência, o saber ambiental transforma o olhar sobre a natureza para construir uma nova ordem social. Desta forma, *“o saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história; estabelece-se em novas identidades e territórios de vida; reconhece o poder do saber e da vontade de poder como um querer saber”* (LEFF, 2009, p. 18).

Acreditamos que o saber ambiental construído e que está em construção contribua efetivamente para o caminho de uma nova consciência social voltada para a solidariedade, ética e compromisso na convivência com o outro e com o meio. Este mesmo efeito encontramos na poesia de Barros, embora o autor não revele a pretensão de fazê-lo.

Análise das obras

Manoel de Barros inicia sua trajetória com uma pequena coletânea intitulada Poemas Concebidos sem Pecado, publicada originalmente em 1937. Escritos sob o viés autobiográfico, os poemas narram histórias da infância do poeta e estão agrupados em quatro partes (Cabeludinho, Postais da Cidade, Retratos a Carvão e Informações sobre a Musa). Na referida obra destacam-se um vocabulário regional, a fala simples no homem pantaneiro, as brincadeiras com as palavras e a linguagem direta, como se de fato o poeta estivesse conversando com o leitor, elementos característicos no discurso poético de Manoel de Barros. *“Uma lagarta torva pode ir roendo seu lábio superior pelo lado de fora [...] Alguns dias depois sua gaita estará cheia de formiga e areia [...]”* (BARROS, 2010, p. 23). Neste pequeno trecho, retirado do poema Dona Maria, já é visível a predileção do poeta para as miudezas das coisas, trazendo elementos da natureza, matéria-prima que consagrou sua obra literária.

Já no poema A Draga, o escritor traz elementos do mundo animal, misturando-os ao universo humano: *“Dos viventes da draga era um o meu amigo Mário-Pega sapo. Ele de noite se arrastava pela beira das casas como um caranguejo trôpego [...]”* (BARROS, 2010, p. 20). O mesmo ocorre em Precipício: *“Mariquinha-besouro desembarcou da lancha Iguatemi, num dia aziago”* (BARROS, 2010, p. 23). Essa característica, predominante em seu trabalho, revela a íntima ligação entre homem e natureza. Manoel explica o comportamento humano com ações que são próprias dos animais e com elas nomeia seus personagens.

Outra questão que se observa na coletânea é a familiaridade com os passarinhos nas brincadeiras naturais da infância, como podemos observar no trecho do poema *Seu Margens*: “*Vendia passarinhos e demais produtos do sítio. A gente negociava: Seu Margens, dá duzentão de sabiá... Vinham 3 sabiás: 2 de quiçaça e 1 de laranjeira*” (BARROS, 2010, p. 21).

Essa predileção pelas brincadeiras com os passarinhos, de suas mais variadas espécies, dentre eles, sabiás, bem-te-vi, também pode ser observada no trecho do poema *Polina*, onde o poeta também destaca seu olhar para as aves: “*Usava uma algaravia/Herdada de seus avós africanos e diversos assobios para chamar nambu. O pirizeiro estava sempre carregado de passarinhos...*” (BARROS, 2010, p. 25).

Nesta obra inaugural é possível perceber a relação com a natureza, quando o autor fala da infância em ambiente rural, misturando suas brincadeiras com bichos, rio, passarinhos, mas ainda de forma tímida. Com isso, tem-se mais um saudoso relato da infância vivida no campo, com tudo o que lhe era peculiar, do que uma exaltação à natureza. Algumas das características que o consagraram só seriam vistas mais tarde.

Os estudiosos da poesia de Manoel de Barros apontam “*Compêndio para uso dos pássaros*”, que teve sua primeira edição lançada em 1960, como sendo um dos principais livros escritos pelo poeta, uma vez que a partir dele consolidou seu estilo poético.

[...] Nele, estão já quase que totalmente definidos todos os elementos da matéria poética que aparecerá, sem exceção, em todas as obras seguintes, tais como, formas de poemas-frases (poemas I, VI, IX do primeiro capítulo; XI e XIII do segundo capítulo) e poemas em prosa (*Noções sobre João-Ferreiro, Caminhada, No Fim de Um Lugar e Tentação*) (CAMPOS, 2007, p. 28).

Já no título desta obra, buscando sentido ao pé da letra, podemos supor uma intencionalidade em Barros: a expressão *compêndio* pode ser definida como o resumo de uma teoria, um conjunto de ideias, ou livro normativo. Desde a escolha do título, de forma irreverente, o autor apresenta-se como conhecedor dos pássaros, cuja teoria nasce da predileção apaixonada, do convívio e da observação desinteressada. Dentre os elementos da matéria-prima que emerge de sua poética dialógica, este passaria a ser uma presença constante.

No livro há elementos que configuram a percepção do poeta em relação aos espaços da natureza, principalmente os ligados ao seu contexto, o Pantanal Sul-Mato-Grossense, ambiente onde o poeta fugia daquilo que tem valor reconhecido e se apegava à simplicidade das coisas e ao reconhecimento dos seres inúteis. Este fato pode ser observado na simples reprodução do som

das águas ou nas figuras de linguagem que revelam a simbiose entre o menino e o rio neste trecho de Poeminhas pescados numa fala de João: “O menino caiu dentro do rio, tibum, ficou todo molhado de peixe. A água dava rasilha de meu pé [...]” (BARROS, 2010, p. 95).

Barros humaniza a natureza, reproduz os sons “tibum”, e traz elementos pantaneiros. Para Junior (2017, p.172): “O poeta recria o mundo e concede nome e verbo àquilo que anteriormente não tinha voz nem lugar na poética clássica”.

Nas palavras de Moura:

Neste livro de Manoel de Barros é notável “a recorrência à infância, período em que a língua se (des)constrói na formação do homem, e os sons da natureza, principalmente o dos pássaros e o marejar das águas, dão aos poemas aspectos que tornam a imagem imanente à própria palavra que ela representa” (MOURA, 2012, p. 258).

A partir da leitura é perceptível que Manoel apresenta seres e coisas simples, ações banais do cotidiano entrelaçadas pela relação com os seres da natureza. Seus escritos coadunam com as ideias de Lacey e Leff, uma vez que a partir de sua sensibilidade poética permite o reinventar das coisas, a partir dos valores sociais que atribui à convivência com a natureza.

Para Campos:

O que vai criar a dissonância no título de Manoel de Barros é justamente o aproveitamento desse sentido comum aplicado a um “usuário” não-comum: pássaros. Na poesia manoelina, e não só nela, o termo pássaro está normalmente ligado ao lúdico, ao lírico, ao subjetivo, ao inefável ou ao propriamente poético. De toda maneira, qualquer um desses significados choca com o peso do termo “compêndio” (2007, p. 29).

Neste ponto, percebemos mais uma aproximação entre Manoel e Lacey, quando este ao definir os objetivos da pesquisa, valoriza o ato de obter teorias que expressem o entendimento empírico e insiste que nenhum fenômeno da experiência humana ou da prática social fique, em princípio, fora do alcance das investigações científicas (LACEY, 2010, p. 17). É esta compreensão empírica da natureza e suas relações que Manoel magistralmente descreve em sua poesia. Para ele tudo é observável, passível de descrição e possui valor essencial.

Na obra de Manoel de Barros também destacam-se os elementos como: “terra”, “árvore”, “água”, apresentados como uma fonte de comunhão entre seres: “O riacho que corre por detrás de casa cria uma espécie de madrugada rasteira de viçar meninos...” (BARROS, 2010, p. 102).

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

Sua relação de proximidade com as águas também pode ser vista nos seguintes versos:

O córrego tinha um cheiro de estrelas nos sarões anoitecidos/ O córrego tinha suas frondes distribuídas aos pássaros/ O córrego ficava à beira de um menino ...

No chão da água luava um pássaro por sobre espumas de haver estrelas. /A água escorria por entre as pedras/ um chão sabendo a aroma de ninho. (BARROS, 2010, p.104)

A poesia de Manoel de Barros apresenta imagens criadas a partir da atualização dos elementos da natureza, especialmente daqueles que constituem a natureza do Pantanal, como material de construção poética.

[...] marcado por um ritmo sonoro sutil que ensaia o brando rumorejar de águas, na poesia de Barros é a propulsão imagética que rege o andamento e determina o tom, discurso poético de Manoel de Barros é de aspecto turvo e denso, e guarda em seu fundo o lodo, matéria orgânica maciça de possibilidade de vida, e de conhecimento (SANTOS, 2013, p. 12).

A partir da leitura dos trechos das obras analisadas neste trabalho, podemos afirmar que para o poeta das miudezas, a poesia pode e deve ser vista como o lugar em que se faz possível a apreensão da essência das coisas.

O que é essencial para Barros é tudo aquilo que reside na integração entre homem e natureza, apresentada pelo jogo de palavras e figuras de linguagem que cria:

Vi um rio indo embora de andorinhas [...]
[...] Escuto o meu rio: é uma cobra de água andando por dentro de meu olho [...].
[...] Minha boca estava seca igual do que uma pedra em cima do rio (BARROS, 2010, p. 97).

No poema A menina avoadada, estamos diante do deslumbramento de um mundo novo:

Meu irmão apreciava de estar o puro entardecer dentro de suas mãos /Carregadinhas de amor/ E a terra se merecia de dar naquelas mãos até flor; /Sobre a minha casa eu pousei coberta de cantos (BARROS, 2010, p. 100-101).

Vemos, assim, que em seus versos se instalam exercícios do olhar que resgata as coisas da lógica descritiva e dão prova de que os conceitos, as ciências, as verdades instituídas não são suficientes para dar conta das pluralidades da vida. Manoel de Barros desperta o olhar pela e para a natureza. Por meio da reflexão da linguagem poética de Manoel de Barros, nas obras analisadas, percebemos o resgate do ato de se colocar enquanto ser que faz parte do meio, mergulhar na natureza num gesto de solidariedade, compreendendo a sua dinâmica. Que seria este movimento? Para nós o reconhecimento da complexidade do saber ambiental, sobrepondo-se à racionalidade científica, cuja visão se reduz a aspectos produtivos da ciência positivista; uma reação aos paradigmas estabelecidos, rumo à construção de um novo saber, a partir de outros padrões de validação, como aponta Leff (2015, p. 11): *“o saber ambiental sacode o jugo de sujeição e desconhecimento ao qual foi submetido pelos padrões dominantes de conhecimento”*.

Para Rodrigues (2015), a poética de Manoel de Barros consegue ir além do que a coisa lógica, do que as verdades estabelecidas dão conta de explicar, ainda que não pretendesse fazê-lo.

É importante dizer que a escrita de Manoel de Barros não pretende instaurar um jeito próprio de ver o mundo. Não se trata de desalojar valores para instalar outros, pelo viés da literatura; nem mesmo de cotejar a poesia como sistema superior de pensamento. Todavia, seus versos apontam as “desmedidas” do mundo e fazem ver a artificialidade dos limites deliberados. É a aposta de que o mundo pode ser mais interessante que o imediato das aparências (RODRIGUES, 2015, p. 2).

A inquietação que os versos despertam, leva o leitor à reflexão sobre o fato de as coisas serem, além da sua aparência. Daí o seu “transbordar das coisas inúteis”, do reconhecimento da importância daquilo que está à margem do que a sociedade valoriza ou preconiza como relevante. Além disso, ele reinventa significados e, para ser entendido, é necessário que o leitor se debruce para sua poesia com a “mente aberta”, sem julgamentos de valores cognitivos, uma vez que a poética de Manoel foge dos aspectos da escrita tradicional, na busca e valorização das coisas e lugares ainda não contaminados pela ótica materialista.

Assim, como o poeta trata das coisas depreciadas pela sociedade, Lacey acredita na potencialidade das pesquisas de cunho antimaterialistas. Ambos demonstram a valorização do contexto natural, social, cultural, na produção de seus trabalhos e, com isso, respondem ao chamado para o reconhecimento da complexidade, tão cara a Leff.

São pedras, vegetais, homens e animais vivendo em seu território natural, paisagens, movimento das águas e do vento, imagens que

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

normalmente não são vistas, mas que na poética de Barros percorrem por toda sua obra, potencializando ambientes pouco valorizados pela sociedade consumista.

Esses passarinhos sempre eram fedidos a árvores com rios que eles traziam da mata antes de chover. /Manhã? Era eu estar sumida de mim e todo-mundo me procurando na /Praça estar viajando pelo chão que a água é atrás até ficar árvores com a boca pendurada para os passarinhos... (BARROS, 2010, p. 98).

São os elementos da natureza, transformados em inspiração sob o olhar sensível do poeta para a pequenez das coisas, a descrição de cenários sob a interação da natureza com homem, sem separações, uma vez que para o poeta não há níveis de importância entre um e outro. Eles estão entrelaçados em um só corpo.

O processo de construção da imagem em Manoel de Barros está intimamente vinculado ao entendimento sensível do mundo. As imagens barrosianas são fruto de uma relação sensorial – e reflexiva, enfatizamos – daquele que escreve com o espaço real em que se insere. Mais do que a concretude plástica do entendimento sensível do mundo, as imagens de Barros trazem ainda em suas malhas a reflexão sobre o ser da poesia e sobre o fazer poético (SANTOS, 2013, p. 15).

Sua inteligência e sensibilidade poética, ligadas às suas concepções críticas sobre a natureza, tornaram-se um terreno fértil para a sua construção poética, de elementos que constituem espaços em meio aos seres inúteis, da recolha daquilo que é da ordem do desvalorizado e da inferioridade. Em face ao que Manoel de Barros trata em sua poética, Stessuk afirma que:

A lírica de Manoel de Barros procura resgatar, para o mundo poético, o ser humano posto à margem pela sociedade, i. e., o ser humano transformado numa coisa que, uma vez explorada ao máximo e já sem utilidade no mundo prático, é deixada à deriva como resíduo, por outro lado, as coisas por si mesmas, os objetos ínfimos que também foram largados de lado como lixo, irmanam-se, no abandono, com o ser humano rejeitado (2007, p. 50).

Podemos afirmar que pelos versos de Barros descobre-se uma atitude crítica perante a sociedade. O conceito de inútil e suas derivações, como modo de pensar a poesia, sua linguagem sutil, emergindo seres e objetos

desimportantes e desvalorizados, nos levam a afirmar, com base nos elementos identificados nas obras analisadas, que Manoel de Barros foi um poeta que se posicionava frente ao que acreditava. Mesmo não tendo como objetivo ensinar as questões ambientais, de sua produção artística emergem tais aspectos, dentro das suas peculiaridades.

Não nos seduz, portanto, a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura da poesia de Manoel de Barros, mas, sim, a de contribuir com a importante crítica do poeta, no que se refere aos mecanismos de elaboração poética em aproximação com os aspectos éticos e ideológicos. Sua poesia nos instrumentaliza para a crítica à eleição dos mecanismos usados pela ciência moderna, cuja pesquisa regida por interesses econômicos, sob o discurso da valorização dos aspectos ambientais, produz retrocessos na apropriação do saber ambiental, quando nega os valores sociais e culturais.

Manoel de Barros, por meio de sua poesia, conseguiu enriquecer a relação entre os seres e o meio ambiente, exaltando o que é pouco valorizado pelo homem, uma vez que para o poeta o equilíbrio das coisas está no nada, nas coisas ínfimas, sem valor, nas miudezas.

Para finalizar o estudo, escolhemos o poema A turma, com o qual encerra-se a produção do poeta. Em seu último texto, Barros parece fazer um resgate das memórias da infância e do desejo de poemar o contato com a natureza, ambos presentes em toda a produção.

Eu gostava das águas indormidas. /A gente queria encontrar a raiz das palavras/ Vimos um afeto de aves no olhar de Bernardo/ Logo vimos um sapo com olhar de árvore! /Ele queria mudar a Natureza? /Vimos depois um lagarto de olhos garços beijar as pernas da Manhã! Ele queria mudar a Natureza? /Mas o que nós queríamos é que a nossa palavra poemasse (BARROS, 2013, p. 449).

A partir da leitura das obras de Manoel de Barros, iluminada pelos pressupostos da filosofia da ciência (Lacey) e da sociologia ambiental (Leff), observamos que a valorização do meio ambiente, expressa na poesia surrealista do autor, nos traz um apelo político e social. A natureza retratada em suas obras, mesmo em “A Turma”, nos leva a uma reflexão na direção da construção de uma sociedade mais sustentável, partindo de uma premissa maior, a sensibilização humana; apresenta o ser humano vinculado ao meio ambiente, fomentando a dialogicidade e despertando a sensibilidade. Tal como Leff, Barros supera os entraves criados pelo homem, sobretudo em consequência da valorização da racionalidade científica e do capital.

O conhecimento ambiental está presente em sua obra com forte representatividade: “A gente foi criado no ermo igual ser pedra”; “Bernardo conversava pedrinhas com as rãs de tarde”; “Vimos um afeto de aves no olhar

de Bernardo”. Há sempre um diálogo entre poesia e saber ambiental. O autor retrata o ambiente natural, estabelecendo uma relação de igualdade, quando todas as partes estão nas mesmas condições, possuindo, assim, o mesmo valor. Barros tem, pois, a habilidade de nos conduzir a reflexões que nos levam ao olhar mais sensível sobre as relações entre os seres e o mundo constituído por estes. São bem visíveis os aspectos socioambientais que apresentam uma abordagem histórico-cultural, quando o homem interage com a natureza em vez de apropriar-se dela. É perceptível também o aspecto crítico, voltado para a visão da coletividade, quando ser humano pertence ao entrelaçamento das relações sociais e naturais, vivendo em interação.

Neste contexto, vislumbra-se a possibilidade de proposições para resolução de problemas ambientais e o questionamento do modelo econômico vigente, revelando a dimensão política, tal como mostra Isabel Carvalho: “*No âmbito da história do ambientalismo, ao levar a problemática ambiental para a esfera pública, o ecologismo conferiu ao ideário ambiental a dimensão política*” (BRASIL, 2004, p. 15).

Considerações finais

Ao refletirmos sobre as concepções de conhecimento relacionadas à Educação Ambiental, tendo como ferramenta o olhar da poética literária de Manoel de Barros, da epistemologia da ciência e da sociologia ambiental, defendidas por Lacey e Leff, verificamos que o saber ambiental, aliado à poesia surrealista do autor, nos traz um chamamento para as questões políticas e sociais. Observamos, ainda, que o ambiente natural retratado em seus poemas, por meio de uma autorreflexão poética, nos reporta ao resgate de uma sociedade mais igualitária, onde o ser humano está presente e vinculado ao meio ambiente, como demonstram Menezes e Marinho:

No vasto rol de escritores e poetas que fizeram e fazem o uso do recurso da autorreflexão poética, inscreve-se o poeta Manoel de Barros, que instaura, em sua poesia, um ato reflexivo pelo qual a palavra busca suas fontes originais para tentar recuperar a linguagem perdida, uma linguagem mítica, quase adâmica (MENEZES; MARINHO, 2002, p. 85).

A dialogicidade perseguida nesta pesquisa revela-se nos aspectos voltados ao reconhecimento dos valores sociais, culturais e históricos, presentes nos trabalhos dos três autores. Neste sentido, todos reclamam a transgressão do paradigma positivista de apreensão da natureza. Cada um, porém, com as ferramentas epistemológicas que lhes são próprias.

Observa-se nos três teóricos da natureza uma necessidade urgente de superação dos entraves criados pelo homem, sobretudo em consequência da valorização da racionalidade científica e econômica. A complexidade do saber

ambiental possui presença marcante em seus escritos, mesmo que de forma despretensiosa, como se observa na poesia de Manoel de Barros.

Buscar o diálogo entre ciência, saber ambiental e poesia da natureza não foi uma tarefa fácil. Porém, muito nos revelou o olhar do poeta das “miudezas”, que mesmo sendo reconhecido tardiamente como um dos principais poetas brasileiros, não perdeu o brilho dos olhos para os seus passarinhos, para as coisas ínfimas, para a pequenez das coisas jogadas fora. Talvez ele tenha sido o escritor que melhor conseguiu estabelecer, por meio de sua sensibilidade poética, a relação simbiótica entre linguagem e natureza, humanizando a natureza e naturalizando o homem para, no fim, “virar passarinho”.

No contexto atual, em que a Valorização Moderna do Controle assegura que os valores naturais estão dissociados de outras formas de valor, incluindo os valores econômicos (LACEY, 2010, p. 37), observamos que as estratégias materialistas descontextualizadas produzem um contrassenso quanto às questões ambientais. A exemplo disso, destacamos a aprovação, pelo Congresso Nacional, de lei em favor da liberação de agrotóxico, sem qualquer preocupação com os malefícios de seu uso, motivada por interesses econômicos, subsidiada por conglomerados agrícolas que financiam pesquisas de cunho materialista, fervorosamente criticadas por Lacey.

Na contramão dessa visão hegemônica, a construção do saber ambiental depende desse olhar para pequenez das coisas, para o social, identificado nas obras analisadas. Neste sentido, muito nos revelou a poesia de Manoel de Barros, que nunca teve a pretensão de ensinar Educação Ambiental. No entanto, a sua aversão ao consumismo e à superficialidade das coisas está presente nas entrelinhas de seus versos. De forma mais explícita, é perceptível sua preocupação com o outro, seja ele homem, menino, pássaro, sapo, lesma, rio, pedra... Incomoda-nos a sua leitura, quando nos deparamos com a forma como valorizamos as coisas e com a inconsequência com que determinadas ações levam à degradação ambiental e social, uma vez que não só adoecem o ambiente, mas todos que dependem da sua existência.

Acreditamos que o presente estudo pode oferecer uma pequena contribuição ao conjunto da crítica que se faz sobre a construção do saber ambiental. Manoel provoca um efeito de expandir os limites do real convencionalizado, de dar forma à imaginação, de colocar em exercício o impulso primitivo e dar vida poética a tudo aquilo que escapa ao habitual. Enfim, humaniza a natureza, naturaliza o homem.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul– UFMS/MEC – Brasil.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 3: 122-142, 2020.

Referências

- BARROS, M. de. **Manoel de Barros: poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, M. de. **Manoel de Barros: poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- BARROS, M. **Memórias Inventadas**: O apanhador de desperdícios. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- CAMPOS, A. S. Análise sobre nada: Um estudo dos procedimentos poéticos da obra de Manoel de Barros. 2007. 109p. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91591/campos_as_me_ar_afcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10 de setembro de 2018.
- CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamento da educação. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília, 2004. p. 13-24.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GARCIA, M. L. R. Exercícios de ser humano: A poesia e a infância na obra de Manoel de Barros. 2006. 125p. **Dissertação** (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) - Instituto de Letras, Universidade Estadual de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1962/1/2006_Mirian%20Theyla%20Ribeiro%20Garcia.pdf> Acesso em: 05 de junho de 2018.
- JUNIOR, J. C. A. **A Metapoesia em Obras de Manoel de Barros**. Mosaico, São José do Rio Preto, 2017.
- LACEY, H. **Valores e atividade científica** 2. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo dos saberes. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. v. 34, n. 3, p. 17-24, set/dez 2009.
- LEFF, E. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MARINHO, S. **O cotidiano primordial de Manoel**. In: SOUZA, E. L. L. Poesia pode ser que seja fazer outro mundo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 17-31.

MENEZES, E. P. de; MARINHO, M. A metalinguagem na obra poética de Manoel de Barros: uma leitura do livro “Retrato do Artista Quando Coisa”. In: MAGALHÃES, M.; MARINHO, M.; MARTINS, W.; MELOTTO, T.; MENEZES, E.; PEREIRA, F.; RAMIRES, E. **Manoel de Barros**: o brejo e o solfejo. Brasília: Ministério da Integração Nacional, Universidade Católica Dom Bosco, 2002, p. 83-88.

MOURA, A. R. Poesia e cinema em sala de aula: uma leitura de Manoel de Barros. **Revista Polyphonía**, v. 23, n. 2, p. 250-263, jul/dez, 2012.

RODRIGUES, R. A. Despropósitos, poesias e outras formas de expandir o mundo. **Revista Todas as Musas**, a. 7, n. 1, jun-dez, 2015.

SANTOS, S. D. Manoel de Barros e a Oficina de Transfazer Natureza. 2013. 172p. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. Disponível em: <
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99128/santos_sd_me_sjrp.pdf;sequence=1> Acesso em: 13 de maio de 2018.

SILVÉRIO, N. A. F. Memória e Interdiscurso em: o Guardador de Águas de Manoel de Barros. 2006. 101p. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15413/1/NAFSilverioDISSPRT.pdf>> Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

STESSUK, S. **Poéticas do detrito**: Kurt Schwitters e Manoel de Barros. São Paulo: Portal Literário, 2007.